

Cherchez les Femmes:
estudios de literatura policial

Título: *Cherchez les Femmes*: estudos de literatura policial
Autores: Maria de Lurdes Sampaio e Gonçalo Vilas-Boas
Capa: Departamento gráfico | Edições Afrontamento
Edição: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e Edições Afrontamento
Conceção gráfica: Departamento gráfico / Edições Afrontamento
Coleção: Estudos de Literatura Comparada, 26
N.º de edição: ???
ISBN: 978-972-36-1815-0
Depósito legal: 471005/20
Execução gráfica: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt
Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

© Autor, Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

Edições Afrontamento, Lda.
Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt
comercial@edicoesafrontamento.pt

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)
www.ilcml.com

Esta publicação foi desenvolvida no âmbito do Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e para a Tecnologia (UIDP/00500/2020).

Cherchez les Femmes: estudos de literatura policial

Maria de Lurdes Sampaio e Gonçalo Vilas-Boas



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

 Edições
Afrontamento

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

UIDP/00500/2020

 **PORTO**
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Sumário

Prefácio , <i>Maria de Lurdes Sampaio e Gonçalo Vilas-Boas</i>	7
Introdução , <i>Gonçalo Vilas-Boas e Maria de Lurdes Sampaio</i>	11

I O CASO PORTUGUÊS

No rasto das mulheres na ficção policial em Portugal: fórmulas e singularidades <i>Maria de Lurdes Sampaio</i>	19
--	----

II OUTROS QUADRANTES EUROPEUS

A narrativa criminal escrita por mulheres em Espanha (1975-2018) <i>Elena Losada Soler</i>	75
<i>Herland</i>, a rede de autoras feministas de romances de detectives em língua alemã <i>Kirsten Reimers</i>	91
A history of Swedish women crime writers – from the Golden age until the 2010s <i>Sara Kärrholm</i>	111
Autoras gregas de textos policiais <i>Virginia Spyratou</i>	133

III POR VÁRIOS CONTINENTES

Tana French's Crime Novels: Dublin After History <i>Adriana Bebiano</i>	159
---	-----

As deslocações da visão ou a coscuvilhice do olhar alucinado: Quando o observador se move à distância	
<i>Carlos J. F. Jorge</i>	179
«To play a Fool»: uma narrativa feminocêntrica por Laurie R. King	
<i>Duarte Pinheiro</i>	193
Perspectivas femininas no policial suíço: Verena Wyss, Sabina Altermatt e Petra Ivanov	
<i>Gonçalo Vilas-Boas</i>	209
Uta-Maria Heim. Uma breve apresentação de uma destemida escritora experimental	
<i>Jochen Vogt</i>	229
Batya Gur e os mistérios dos humanos	
<i>Maria João Falcão</i>	239
Patrícia Melo e a reconfiguração do policial brasileiro	
<i>Mariana Cepeda</i>	253
Détection, Damage, and Resistance: On Sara Gran's Claire DeWitt's novels	
<i>Paulo de Medeiros</i>	279
Notas bibliográficas sobre os/as colaboradores/as	297

Prefácio

Maria de Lurdes Sampaio e Gonçalo Vilas Boas

O volume que agora publicamos, com o título ‘Cherchez les Femmes’: estudos de literatura policial, é o último de uma trilogia de ensaios dedicados a suprir uma das lacunas no panorama literário português: a ausência de uma tradição de reflexão crítica sobre um género de grande popularidade em todo o mundo ao longo dos séculos XX e XXI. O primeiro volume desta trilogia, Crime, Detecção e Castigo. Estudos sobre literatura policial (2001), reunia os textos apresentados no colóquio promovido pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) no ano de 2000. O segundo volume, Ficção Policial: antologia de ensaios teórico-críticos, publicado em 2012, tinha como objetivo fundamental dar a conhecer, em tradução, ensaios canónicos de autores estrangeiros (de G. K. Chesterton a Raymond Chandler, entre muitos outros) de referência incontornável na abordagem das subespécies do género policial ou no estudo particularizante de autores e obras. Relembávamos no «Prefácio» que o livro de Ernest Mandel, Delightful Murder. A Social History of Crime (1984), traduzido para português com o título Cadáveres Esquisitos. Uma história social do romance policial (1993) continuava a ser, na primeira década do séc. XXI, o livro mais relevante e mais conhecido em Portugal sobre literatura policial. Com a inclusão do ensaio de Priscilla L. Walton e Manina Jones, «Sim ou não? A problemática da narrativa de detecção feminina» (1999), procurámos dar conta da emergência de detetives mulheres na ficção policial e da importância que as obras policiais de autoria feminina adquiriram, um pouco por toda a parte, a partir dos anos 1980. Publicado que foi esse segundo volume, com as limitações que uma antologia e as traduções sempre implicam, tornou-se evidente que um terceiro se seguiria e que ele teria de ser exclusivamente dedicado à presença feminina na literatura policial (autoria, detetives, perspectivas).

A contrariar a anunciada morte do romance policial (e do romance em geral), o boom do policial nórdico surpreendeu leitores e estudiosos do género, habituados a associá-lo a horizontes anglo-americanos. As razões da popularidade dessa produção continuam a ser

um tanto obscuras, mas não há dúvidas de que um excelente planejamento editorial visando o sucesso é já parte da resposta. Para lá disso, poderíamos apontar o modo como o policial explorou, nessas paragens, o cruzamento com as fórmulas da literatura de viagens (enfatizando o locus criminalis), do gótico, da literatura sensacionalista, e/ou do romance de costumes. Ao sucesso dos autores nórdicos acresce o contributo vindo da América Latina, com autores como Rubem Fonseca e Patrícia Melo (Brasil), Élmer Mendoza (i.e., a narcoliteratura vinda do México) ou ainda as brilhantes e inclassificáveis obras de um Roberto Bolaño (Chile), com os seus intelectuais-detetives. E há o papel profundamente transformador, um pouco por todo o lado, de obras de autoria feminina, muitas das quais em correlação com as diferentes correntes do feminismo. Como muitos investigadores têm demonstrado (de Sally Munt a Peter Messent), as mulheres têm tido um papel decisivo na revitalização do género policial: pela criação de detetives mulheres, pela produção de um discurso invertido (no sentido foucauldiano), pelo poder de agenciamento que conferem a figuras femininas, pelo ensaio de diferentes formas de (re)negociação com convenções do género e com o público e, não menos importante, por um impressionante alargamento temático das suas obras (questões ecológicas, étnicas, questões de género), entre muitas outras razões que poderíamos elencar.

O propósito inicial de organização de um volume de ensaios que fizesse uma cartografia mínima da produção policial no feminino na Europa, com ensaios dedicados a um conjunto diversificado de países (dos «centrais» a periféricos), não pôde ser concretizado. Assim, optámos por uma antologia aberta de ensaios que preenchessem pelo menos dois requisitos: i) incidência em obras de autoria feminina e/ou em obras de escritores ou escritoras, que tivessem como protagonistas detetives mulheres; ii) incidência em obras produzidas a partir dos anos de 1980, tendo em conta que é a partir dessa altura que assistimos a uma produção significativa de romances policiais que questionam a hegemonia e as convenções das obras de autoria masculina.

O resultado é um conjunto bastante eclético de estudos, sendo a maioria dedicado a autoras singulares, pois quer as visões de conjunto quer as abordagens mais teóricas são difíceis, quando não existem estudos prévios das obras e das respetivas autoras. Há também, nestes ensaios, variações conceptuais e terminológicas («detective fiction» vs «crime fiction», por exemplo) que têm a sua razão de ser e que têm nos próprios ensaios a sua justificação e explicação.

Como Maurizio Ascari escreveu no ensaio «From Enigmas to Emotions: The Twentieth-Century Canonization of Crime Fiction» (2013), o policial (no masculino e/ou no feminino) não pára de nos surpreender:

Crime fiction continues to expand, thanks to an unceasing hybridization of forms whose results are unforeseeable, and those who study it can only observe – with a combination of enthusiasm and dizziness – that this literary landscape changes before we understand its rules. After all, knowing that the object of our critical inquiries is a living cultural entity amply compensates us for unsuing lack of certainties. (Ascari 2013: 17)

Estamos convictos de que os ensaios que se seguem ajudarão a compreender muitos aspetos dessa paisagem em mutação e que eles darão um contributo importante para a realização de trabalhos académicos e não académicos neste domínio.

Para finalizar, gostaríamos de deixar uma palavra especial de gratidão aos participantes neste volume pela sua disponibilidade para colaborar na nossa iniciativa e partilharem connosco os seus saberes e leituras. E o nosso reconhecimento à Dr.^a Lurdes Gonçalves por todo o apoio prestado na organização deste livro.

Introdução

Gonçalo Vilas-Boas e Maria de Lurdes Sampaio

O romance policial é um dos géneros literários editoriais com mais sucesso, tocando um público extremamente variado. Não há quiosque de estação ou de aeroporto que não os tenha à venda, mas também quase não há livrarias sem uma secção de policiais.

Durante muito tempo, o policial (ou o romance criminal) seguiu um esquema relativamente rígido: aparece um cadáver, um detetive – amador, da polícia, ou um detetive privado – é encarregado de investigar o crime, de encontrar o assassino e de o levar perante a justiça. Procura os indícios, segue diferentes pistas e chega ao criminoso por caminhos mais ou menos labirínticos. Por vezes, sobretudo em narrativas recentes, o detetive não consegue deslindar o crime, ficando o desfecho em aberto. Encontramos até, desde há algumas décadas, um certo desalento e ceticismo por parte de alguns detetives. Lembremos, por exemplo, o inspetor português Jaime Ramos: «Eu não trabalho em homicídios para mudar o mundo nem para fazer do mundo um lugar melhor. É mais para castigar os criminosos e cumprir uma função».¹

O romance policial contemporâneo apresenta como que um sociograma da sociedade, atravessando os diferentes estratos sociais, com as suas características próprias. A ação no romance policial situa-se normalmente em espaços «reais», passíveis de serem identificados: ruas, cidades, países, regiões definidas por marcas bem reais, com os respetivos nomes. É um modo de ancorar a ficção no real, isto é, de mostrar que, apesar de entrarmos num mundo ficcional, se está a falar da vida em sociedade. Este efeito de real ajuda o leitor a ver nesse mundo outro um espelho do seu próprio e, assim, sentir-se mais ou

¹ Cf. Francisco José Viegas, *A Luz de Pequim*, Porto, Porto Editora, 2019, p. 247.

menos afetado, sobretudo se (re)conhecer o espaço real empírico correspondente ao espaço ficcional.

Alguns detetives tornam-se comentadores cínicos da sociedade em que se inserem. Podem resolver um crime, restabelecer a ordem que foi perturbada pelo assassinio, mas o mundo do crime, e a sociedade corrupta, esses, continuam impunes. Isto é, o verdadeiro culpado, em última instância, é a sociedade, que cria as condições para que o crime possa acontecer. Como tem sido referido por alguns críticos e autores (Simenon, por exemplo), todos nós somos passíveis de nos tornarmos criminosos.

Se até agora o mundo do policial era dominado por homens, com algumas exceções como as britânicas Agatha Christie, Dorothy Sayers, ou a norte-americana Patricia Highsmith, a situação alterou-se profundamente e hoje temos várias autoras que criam mulheres detetives para resolverem o que antes era atribuído quase exclusivamente aos homens. Uma obra de referência a assinalar essa diferença é o romance de P.D. James *An Unsuitable Job for a Woman*, de 1972 (*Trabalho Impróprio para uma Mulher*). Trata-se, antes de mais, de um olhar diferente, já que o mundo do crime é o mesmo. Homens e mulheres não agem necessariamente de modo igual perante os mesmos fenómenos e não têm sempre os mesmos métodos de investigação e de liderança.

O género foi durante décadas dominado por autores masculinos, pois o *ofício* de detetive não era considerado apto para as mulheres por causa da ênfase nas faculdades de raciocínio ou da sua dureza e violência. As mulheres não tinham grande espaço fora do lar e não foram muitas as que, ao longo do século XX, conquistaram lugares importantes. Com a evolução dos direitos das mulheres, a situação foi-se modificando lentamente. Note-se que o público, masculino e feminino, tinha continuado a dar preferência aos heróis masculinos. Mas foi sobretudo a partir dos anos 80 do século XX que as mulheres conquistaram lugares de relevância na deteção; primeiro, como «private eye», depois, integradas em diferentes corpos da polícia, sendo, por vezes, investidas de papéis de chefia no grupo. Este facto representou uma quebra no domínio da perspectiva masculina, surgindo diferentes subgéneros e combinatórias diversificadas: *a)* há um homem (dominante) e uma mulher; *b)* há uma mulher (dominante) e um homem; *c)* há uma mulher solitária; *d)* há duas mulheres; *e)* há um grupo de homens liderados por uma mulher. E aqui começam a surgir as margens, a tornarem-se visíveis romances que lidam com tabus, como os «policiais lésbicos», estes mais interessados no relacionamento entre as pessoas do que na trama pro-

priamente dita, mas também policiais onde a detetive negra é a dominante, ou outros que tematizam questões étnicas. Deste modo, destabiliza-se o modelo tradicional, binário, surgindo novas narrativas a partir de lugares marginais, seja de género, de raça, de cultura, enfim, novos olhares, acompanhando as modificações do mundo, sempre em mudança.

Novo neste olhar feminino é a luta da mulher pelo seu reconhecimento e competência num meio tradicionalmente masculino, a sua afirmação no meio da deteção, acrescidos dos problemas decorrentes da tensão entre a profissão e a família, sobretudo quando ligados à maternidade. Assim, as mulheres detetives têm, no mínimo, dois campos pessoais de luta: no emprego e em casa.

A acompanhar esta evolução, assistimos a um crescente interesse por subgéneros onde a mulher está muito presente, quer na autoria quer no papel de personagens importantes: policiais à volta do mundo das finanças, das academias, da história, de perfis humanistas e muitos outros.

Nos ensaios reunidos neste volume pretende-se olhar para a história de algumas literaturas «de crime» (ou «policiais») e para algumas escritoras de diferentes países e zonas linguísticas, mas também de escritores onde a figuração das mulheres seja relevante. Em nenhuma zona linguística domina um subgénero. A escrita é individual, ainda que se possam traçar alguns traços distintivos entre zonas linguísticas diversas, incluindo a inserção no panorama linguístico respetivo.

A antologia '*Cherchez les Femmes*: estudos de literatura policial' subdivide-se em três partes: a parte I intitula-se O CASO PORTUGUÊS. No estudo «No rasto das mulheres na ficção policial em Portugal: fórmulas e singularidades», Maria de Lurdes Sampaio procede a um inventário de escritoras que escreveram romances policiais ou «quase-policiais», e de autores masculinos que criaram detetives femininas, procurando articular uma visão panorâmica com a análise interpretativa aprofundada de algumas obras selecionadas. O extenso estudo histórico-crítico elaborado visa, assim, dar a conhecer e sistematizar um *corpus* de narrativas escritas por mulheres, e algumas de autoria masculina, com o objetivo de fomentar outras investigações e abordagens teóricas mais produtivas à luz de paradigmas e instrumentos concetuais contemporâneos.

A parte II, intitulada OUTROS QUADRANTES EUROPEUS, contempla quatro ensaios de carácter mais panorâmico dedicados à Espanha, à Alemanha, à Suécia e à Grécia.

Do país vizinho apresenta-se o ensaio «A narrativa criminal por mulheres em Espanha (1975-2018)», de Elena Losada, onde se traça um panorama da narrativa criminal entre 1975 e 2018 como um fenómeno claramente pós-franquista, apesar de algumas exceções. As detetives são mulheres normais, com a dificuldade, como se vê também na escrita de outras línguas, de terem que conciliar profissão e situação familiar. A autora exemplifica com obras de várias escritoras, com destaque para as de Alicia Giménez Bartlett, com a sua comissária Petra Delgado. Elena Losada abrange, neste estudo, também a literatura escrita em catalão, basco e galego.

Kirsten Reimers traça em «Herland, a rede de autoras feministas de romances de detetives em língua alemã» uma panorâmica sobre a produção feminina de romances policiais na Alemanha, narrativas de crime e violência, nas mais diversas situações, centradas em espaços reais alemães. A autora analisa sobretudo textos de algumas autoras, como Simone Buchholz (1972-), Monika Geier (1970-), Merle Kröger (1967-) e Christine Lehmann (1958-).

Sara Kärrholm apresenta-nos em «A history of Swedish women crime writers – from the Golden age until the 2010s» um panorama do policial feminino sueco, que começou de modo relativamente lento, até ao grande salto que representou o Prémio Poloni, em 1997, contemplando somente novas escritoras de policiais. Cimentada pela divulgação do policial nórdico, as mulheres ganharam uma enorme relevância na produção sueca. Liza Marklund e Åsa Larsson foram das primeiras a terem projecção internacional, a que se seguiram autoras como Camilla Läckberg ou Mari Jungstedt e muitas outras – sem esquecer a figura de Lisbeth Salander da série Millenium iniciada por Stieg Larsson e continuada por David Lagercrantz. Não se pode definir o policial nórdico em função de um só tipo de romance, pois são muitos os subgéneros que podemos encontrar. Poderemos, contudo, dizer que muitos romances têm na base uma forte crítica social.

O policial grego tem pouca divulgação entre nós. O artigo de Virginia Spyratou, «Autoras gregas de textos policiais», dá-nos abundante informação sobre o policial grego e o seu contexto, focando obviamente escritoras. Trata-se de um fenómeno relativamente tardio, apesar de se encontrarem raízes já em 1913. Na Grécia, o policial encontrava-se ligado a edições acessíveis, quer de autoria nacional quer de traduções. Mas no século XXI dá-se uma mudança no

mercado: encontram-se disponíveis nas livrarias mais de 80 autoras, falando-se mesmo em «romance policial mediterrânico».

Na Parte III do volume, intitulada POR VÁRIOS CONTINENTES são analisadas obras particulares de autoras provenientes de diferentes horizontes geográficos e linguísticos.

Adriana Bebiano debruça-se em «Tana French's Crime Novels: Dublin After History» sobre o romance da irlandesa Tana French *Dublin after history*, com a detetive Emerald Noir. Depois de contextualizar a produção de policiais femininos na Irlanda, fenómeno relativamente tardio, dado o conservadorismo da sociedade, a ensaísta demonstra como French reconfigura o feminino e o masculino na cidade que escolhe como palco, mas que é muito universal. São romances com personagens complexas, nem sempre havendo motivos racionais para o assassinio.

No ensaio «As deslocações da visão ou a coscuvilhice do olhar alucinado: Quando o observador se move à distância» Carlos J. F. Jorge centra-se no livro *A rapariga no Comboio*, da britânica Paula Hawkins. O livro recorre sobretudo a três narradoras: Rachel, Megan e Anna. É claro que fica «esquecida», por assim dizer, a atuação da autora, que parece totalmente ausente da diegese, ou seja, do universo construído pelos atos narrativos, a sua apreciação, avaliação e crítica. Porém, olhando mais atentamente, verificamos que a intervenção autoral é forte e ampla, dando, por assim dizer, espaço e ocasião a que as narrativas aparentemente dominantes e exclusivas se subordinem e ordenem segundo o desígnio superior do autor, a que podemos chamar implícito ou implicado.

Duarte Pinheiro aborda em «To Play a fool»: uma narrativa feminocêntrica de Laurie R. King» o conceito de narrativa feminocêntrica (Katherine Klein) tendo em conta o romance *To Play the Fool*, da autoria da norte-americana Laurie R. King. Partindo de uma perspetiva histórica sobre a ficção policial, o artigo reflete sobre questões de género e propõe um retrato atual da ficção policial americana. Em apêndice, há uma pequena entrevista feita à escritora, em Santa Cruz, no dia 14 de Junho de 2019.

Gonçalo Vilas-Boas analisa em «Perspetivas femininas no policial suíço: Verena Wyss, Sabina Altermatt e Petra Ivanov» a tendência no policial helvético de alargar a deteção a um grupo, ainda que com a liderança, nestes casos, da personagem feminina. Tal como na prática do género noutros países, pretende-se apontar para os podres da sociedade, avançando os temas à medida que eles vão aparecendo na sociedade.

Jochen Vogt faz em «Uta-Maria Heim, uma breve apresentação de uma destemida escritora experimental» e uma sucinta análise da obra singular daquela autora, centrada no sudoeste alemão, região a que a liga uma «relação leal de amor-ódio».

No ensaio «Batya Gur e os caminhos do destino», Maria João Falcão apresenta-nos uma leitura apaixonada de Batya Gur (1947-2005), uma das mais importantes autoras de romances criminais em Israel, com ênfase na análise psicológica das personagens, à volta do inspector Michäel Ohayson. Algumas das vítimas situam-se no âmbito de atividades culturais do país (da psicanálise ao mundo da música), dando-nos a ver dimensões não estereotipadas da sociedade israelita. Um dos romances abordados situa a ação num *kibutz*, o que permite olhar para um fenómeno muito importante na construção do país.

O ensaio «Patrícia Melo e a reconfiguração do policial brasileiro», de Mariana Cepeda, incide essencialmente sobre Patrícia Melo, que tem alcançado um grande sucesso tanto no Brasil como internacionalmente. Serão debatidos os romances de Melo, com especial destaque para *O matador* (1995), *Infêrno* (2000), *Elogio da mentira* (1998), *Fogo-fátuo* (2014) e *Gog Magog* (2017). Trata-se de um conjunto de narrativas contemporâneas que abordam a violência das grandes cidades brasileiras, os problemas sociais e a desigualdade do país, mas apresentam também críticas relevantes ao machismo, à misoginia e à violência contra as mulheres, além de desestabilizar a autoridade das personagens masculinas e as normas da masculinidade hegemónica.

A finalizar, Paulo de Medeiros apresenta os três policiais da autora norte-americana Sara Gran em «*Détection, Damage, and Resistance: On Sara Gran's Claire DeWitt's novels*». A figura DeWitt é singular na literatura policial: tem tendências auto-destrutivas, ama a verdade, e é muito crítica face ao *status quo* da sociedade americana, nomeadamente em questões de género e raça. Quer dar visibilidade a quem não a tem. Neste processo da procura da verdade, numa escrita realista, onde os sonhos também estão presentes, a questão da memória torna-se essencial, também para se compreender a identidade das diferentes figuras. Nestes livros, a figura está frequentemente em «diálogo» com Silette, autor do livro *Détection*. Paulo de Medeiros situa a obra de Gran na tradição norte-americana, mostrando o que a aproxima e distancia dela.

Estes artigos fornecem pontes para que os/as leitores/as se possam orientar na procura de romances policiais femininos de diferentes origens e possam apreender o contributo de inovação e de revitalização que trouxeram ao género policial, através de alguns dos contextos fornecidos.